

Mídia
Data
Evento
Página

Web
27 de setembro de 2025
Onda Avalanche Vulcão
<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2025/09/mostra-resgata-a-potencia-de-corpos-nus-e-repensa-o-ato-de-olhar.shtml>

Veículo
Autor
Artista

Folha de São Paulo
Vera Iaconelli
Mauro Restiffe e Maria Manoella

OPINIÃO • VERA IACONELLI

Mostra resgata a potência de corpos nus e repensa o ato de olhar

- Em exposição de fotos íntimas, Maria Manoella e Mauro Restiffe alternam papéis de fotógrafo e fotografado
- 'Onda Avalanche Vulcão', em vez de banalizar a intimidade, produz desconforto frutífero no público

[RESUMO] Fotografias de [Maria Manoella e Mauro Restiffe reunidas na exposição "Onda Avalanche Vulcão"](#) e em livro instauram uma troca de olhares em que artistas e público se expõem, recuperando uma experiência de intimidade compartilhada, hoje dissolvida pelo excesso de imagens de nudez em circulação nas redes.



Há uma longa tradição de apropriação do corpo feminino por meio das imagens. Da pintura à escultura, da fotografia à publicidade e, mais recentemente, às telas digitais, são séculos de representações que revelam o lugar da mulher na sociedade em cada época.

Não se trata de um percurso linear ou homogêneo. A forma de retratar corpos muda segundo contextos culturais, religiosos e políticos. Ainda assim, permanece constante a desproporção entre a visibilidade do corpo feminino e a invisibilidade das artistas mulheres. Elas aparecem recorrentemente como suporte do desejo masculino, enquanto suas experiências femininas são apagadas. O olhar do artista foi consagrado como neutro e universal, ainda que se tratasse de um olhar predominantemente branco e masculino.

Mídia
Data
Evento
Página

Web
27 de setembro de 2025
Onda Avalanche Vulcão
<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2025/09/mostra-resgata-a-potencia-de-corpos-nus-e-repensa-o-ato-de-olhar.shtml>

Veículo
Autor
Artista

Folha de São Paulo
Vera Iaconelli
Mauro Restiffe e Maria Manoella



'Onda Avalanche Vulcão #67' (2025) - Mauro Restiffe/Divulgação

Nos anos 1980, [o coletivo Guerrilla Girls expôs essa contradição de forma radical](#). Em cartazes espalhados por Nova York, perguntavam se as mulheres precisavam estar nuas para entrar nos museus. O slogan, provocativo e direto, resumia estatísticas incômodas: no Museu Metropolitano, apenas 5% dos artistas na seção de arte moderna eram mulheres, embora 85% das representações de nudez fossem femininas.

Quase 40 anos depois, [um levantamento feito em 2019](#) em museus dos Estados Unidos mostra que pouco tem mudado. A presença de artistas mulheres era de 13%. Já a proporção de nus femininos seguia altíssima –em 2012, [segundo as Guerrilla Girls](#), era de 76% no Metropolitano. A desigualdade não é acidente, mas parte de uma estrutura que persiste.

Mídia
Data
Evento
Página

Web
27 de setembro de 2025
Onda Avalanche Vulcão
<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2025/09/mostra-resgata-a-potencia-de-corpos-nus-e-repensa-o-ato-de-olhar.shtml>

Veículo
Autor
Artista

Folha de São Paulo
Vera Iaconelli
Mauro Restiffe e Maria Manoella

Essa lógica encontrou novas versões no audiovisual contemporâneo. Séries e filmes para o grande público passaram a incluir quase compulsivamente imagens de mulheres ultrajadas. Assassinadas, mutiladas, estupradas, expostas em sua vulnerabilidade extrema logo nas primeiras cenas, essas figuras funcionam como gatilho narrativo.

O problema não está em narrar violências, mas na repetição mecânica que reduz a mulher ao cadáver como recurso dramático. Essa estetização da brutalidade misógina mistura ódio e erotismo, oferecendo ao espectador menos uma crítica do horror que um consumo estetizado dele.

Ao mesmo tempo, a história da arte mostra que o corpo masculino nu foi tensionado de modos distintos. A celebração da beleza e da força na Antiguidade Clássica deu lugar ao recato da tradição cristã medieval. O Renascimento devolveu a exaltação do nu masculino em Michelangelo, Leonardo ou Caravaggio, mas, ainda assim, sua óbvia dimensão erótica permaneceu negada.

Atribuir sedução ao corpo masculino implica risco quando se vive em sociedades que condenam a homoafetividade. Artistas como [Jean Genet](#) ou [Pier Paolo Pasolini](#) pagaram o preço por exaltar imagens de homens nus ou martirizados como fonte de desejo e criação. Enquanto o corpo feminino foi explorado à exaustão, o masculino foi raramente exposto em sua vulnerabilidade ou erotismo explícito.

1 / 11 Veja imagens da exposição de Maria Manoella e Mauro Restiffe



Imagem da série 'Onda Avalanche Vulcão', de Maria Manoella e Mauro Restiffe, exposta da galeria Fortes D'Aloia & Gabriel, em São Paulo... MAIS ▾

Mídia
Data
Evento
Página

Web
27 de setembro de 2025
Onda Avalanche Vulcão
<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2025/09/mostra-resgata-a-potencia-de-corpos-nus-e-repensa-o-ato-de-olhar.shtml>

Veículo
Autor
Artista

Folha de São Paulo
Vera Iaconelli
Mauro Restiffe e Maria Manoella

Na [exposição de Maria Manoella e Mauro Restiffe](#), intitulada "Onda Avalanche Vulcão", o casal alterna os papéis de fotógrafo e fotografado, embaralhando autoria e pose, objeto e sujeito. Em algumas imagens, um enquadra o outro; em outras, ambos aparecem lado a lado; em outras ainda, as presenças se fundem e devolvem o olhar ao espectador. O resultado é uma dinâmica em que não há hierarquia estável entre quem olha e quem é olhado nem uma identidade única do corpo que se oferece ao olhar.

À primeira vista, pode parecer um exercício trivial. Afinal, vivemos em um tempo em que a nudez circula em abundância nas telas dos celulares. Crianças pequenas podem acessar pornografia explícita com um clique, sob a negligência das famílias e do Estado. Nesse contexto, parece difícil extrair do nu qualquer efeito que não seja o bocejo.

Mas a banalização do corpo apenas acentua a potência da proposta de Maria Manoella e Mauro Restiffe. Ao deslocar a nudez para um território de intimidade compartilhada, suas fotografias devolvem ao olhar a força de encontro, sem recorrer a papéis fixos.

O gesto central da mostra é expor os próprios corpos, transformando-os em objetos da própria lente. O que se oferece não é espetáculo para consumo, mas uma entrega mútua, um pacto entre amantes que se mostram vulneráveis diante de si e diante do público.

Esse pacto, porém, tem um efeito curioso: o espectador, habituado a olhar de fora, descobre-se também olhado. O ato de contemplar revela-se como ato de espionar, e a posição de quem observa torna-se instável. O voyeurismo, tão disseminado na cultura visual, retorna aqui como problema. Não se trata de denunciar o público, mas de fazê-lo experimentar sua própria posição, perceber-se implicado na cena.

Essa intimidade não é banalizada. Ao contrário, produz um desconforto frutífero: o espectador se percebe intruso, partícipe involuntário de um espaço privado em um tempo em que a privacidade perdeu seus contornos. É nesse lugar de intrusão que se abre a possibilidade de reflexão. O nu não aparece como espetáculo vazio, mas como convite a repensar o próprio ato de olhar.

Mídia
Data
Evento
Página

Web
27 de setembro de 2025
Onda Avalanche Vulcão
<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2025/09/mostra-resgata-a-potencia-de-corpos-nus-e-repensa-o-ato-de-olhar.shtml>

Veículo
Autor
Artista

Folha de São Paulo
Vera Iaconelli
Mauro Restiffe e Maria Manoella

1/7 Veja fotos de Maria Manoella e Mauro Restiffe



A atriz Maria Manoella com o fotógrafo Mauro Restiffe na galeria Fortes D'Aloia & Gabriel, na zona oeste de São Paulo... MAIS ▾

As imagens ainda estendem essa intimidade para além da relação entre dois corpos. Pele e pedra, carne e paisagem, corpo humano e corpo terrestre aparecem em continuidade. O erotismo emerge tanto nos gestos entre os amantes quanto na aproximação com texturas da Terra. Há uma sugestão de que o mesmo impulso que flagela os corpos humanos opera também na devastação ambiental. Eros e destruição pertencem a um mesmo circuito, mas o reconhecimento da vulnerabilidade pode oferecer resistência.

A operação é dupla: a exposição resgata a potência do nu sem recorrer a papéis fixos e, ao mesmo tempo, confronta a saturação contemporânea das imagens. Nunca circularam tantos corpos com tanta rapidez e nunca se viu tanta indiferença diante deles. O excesso dessensibiliza; a superexposição neutraliza. Se tudo pode ser mostrado, nada toca.

Contra essa indiferença, "Onda Avalanche Vulcão" instaura uma troca de olhares em que artistas e público se expõem. Recupera-se, assim, a experiência de intimidade que o fluxo das redes dissolve.

Mídia
Data
Evento
Página

Web
27 de setembro de 2025
Onda Avalanche Vulcão
<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2025/09/mostra-resgata-a-potencia-de-corpos-nus-e-repensa-o-ato-de-olhar.shtml>

Veículo
Autor
Artista

Folha de São Paulo
Vera Iaconelli
Mauro Restiffe e Maria Manoella

A questão deixa de ser apenas a nudez e passa a ser o próprio olhar. O corpo do outro não se reduz a objeto de consumo. É mistério, vulnerabilidade, alteridade. Reintroduzir essa dimensão talvez seja a única forma de resistir ao automatismo imagético que nos cerca.

Se a história da arte muitas vezes se constituiu sobre desigualdades e apropriações, cabe aos artistas contemporâneos instaurar fissuras nesses regimes. Maria Manoella e Mauro Restiffe propõem uma delas. Suas imagens lembram que, diante do corpo nu que se oferece como sujeito, a pergunta que retorna é: quem, afinal, está olhando?

ONDA AVALANCHE VULCÃO

Quando Ter. a sex., das 10h às 19h; sáb., das 10h às 18h; até 18/10

Onde Fortes D'Aloia & Gabriel (r. James Holland, 71, Barra Funda, São Paulo) **Preço** Grátis

Autoria Maria Manoella e Mauro Restiffe